



CATARINA FURTADO

EMBAIXADORA DE BOA VONTADE UNFPA E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CORAÇÕES COM COROA

NÃO BASTA CONHECER E REPETIR OS NÚMEROS OU FAZER DISCURSOS DE INTENÇÃO E OCASIÃO SOLIDÁRIA PORQUE, NA VERDADE, MUITA GENTE CONTINUA À ESPERA QUE AS DECISÕES POLÍTICAS, ESTRATÉGICAS E DIPLOMÁTICAS PASSEM DA PALAVRA DE CIRCUNSTÂNCIA À AÇÃO.



Na última crónica que escrevi aqui na *Máxima*, revista que se tem destacado também pela promoção e defesa dos Direitos Humanos, referi que iria partilhar o ponto de situação em relação ao sucesso e insucesso dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio partindo da leitura dos Relatórios produzidos pelas Nações Unidas que avaliam os progressos entre 1990 e 2012 e que ajudam a preparar o caminho para o pós-2015.

São então três as ideias-base que retenho:

- 1) Não podemos continuar a esquecer a saúde sexual e reprodutiva: materna, neonatal, o planeamento familiar e os jovens.
- 2) A igualdade de género requer que a narrativa e o investimento político em legislação e em programas específicos analisem os resultados dos relatórios e reforcem o financiamento e o apoio às agendas perpétuas e inacabadas de Direitos Humanos e Desenvolvimento.
- 3) É urgente agir já para que se construa uma efetiva agenda global, com metas nacionais, onde ninguém é realmente esquecido.

Nesta altura do ano em que muitas pessoas estão a gozar as merecidas férias, existem negociações em curso e decisões determinantes que têm de ser tomadas. Não basta conhecer e repetir os números ou fazer discursos de intenção e ocasião solidária porque, na verdade, muita gente continua à espera que as decisões políticas, estratégicas e diplomáticas passem da palavra de circunstância à ação. Essas pessoas esperam tempo demais que não as esqueçam e que os decisores não se encostem à "sombra da bananeira" dos ganhos alcançados no combate à pobreza. A verdade é uma só: nós podemos fazer mais!

Neste nosso tempo, 162 milhões de crianças (uma em cada quatro) continuam a sofrer de subnutrição crónica. Em 2012, os dados da iliteracia denunciavam 781 milhões de adultos (60% dos quais mulheres) e 126 milhões de jovens. A mortalidade materna registou uma redução de 45%. Mas em 2013, a nível mundial, foram quase 300 mil as mulheres que morreram por causas evitáveis associadas à gravidez e ao parto. Em 2012, apenas 68% dos partos

nos países em desenvolvimento foram assistidos por profissionais qualificados, o que significa um modesto aumento de 12% face a 1990. Como já tenho aqui partilhado, nestas crónicas mensais que muito prazer me dão escrever, porque acredito modestamente que estas informações possam ajudar a criar uma sociedade portuguesa mais pró-ativa nestas matérias, sabemos que já existem soluções (com provas dadas) de conhecimento científico, serviços e cuidados de saúde que permitem prevenir e tratar e como consequência resultam numa redução muito significativa da taxa de mortalidade materna, o que quer dizer que já poderíamos ter hoje muito menos mulheres a morrer ao dar à luz.

Por outro lado, também encontramos dados positivos no que diz respeito ao HIV-Sida: diminuíram em 44% os números de novas infeções. E entre 1990 e 2012, cerca de 2 mil milhões de pessoas passaram a ter acesso a uma estrutura de saneamento melhorada e mais 2.3 mil milhões a ter água melhorada. Diminuiu em cerca de 50% o número de crianças que morriam antes dos cinco anos de idade (em 2012 morreram menos 6 milhões de meninos e meninas em todo o mundo). As taxas da mortalidade neonatal apresentam também melhores resultados, no entanto, o ritmo do declínio é inferior ao da mortalidade nos primeiros 28 dias de vida do bebé. A maioria destas mortes poderia ser evitada: bastava que existisse um maior investimento nos cuidados durante a gravidez, o parto e o primeiro dia de vida das crianças.

Com estes resultados, o mundo pós-2015 precisa de um novo contrato global que reconheça os direitos de todas as pessoas à educação, à saúde, ao trabalho digno e a terem oportunidade de tomar decisões sobre o seu futuro. São necessários esforços de governos, de parlamentares, do setor privado, da sociedade civil e de cada um de nós para assegurar o acesso universal aos cuidados de saúde e o cumprimento dos Direitos Humanos.

A saúde da mulher de todos os países (o seu futuro e o das suas famílias) não pode continuar a estar presente nos discursos, ser depois calada nas negociações quando se enfrentam obstáculos e mais tarde absolutamente ignorada quando se fazem e decidem os orçamentos. Nunca ouviram a frase "Ao educarmos um homem estamos a educar um indivíduo, mas ao educarmos uma mulher estamos a educar e a formar uma Nação"? Pois é, continuamos à espera... Até quando? ▣

E eu fico à espera que não percam a extraordinária e chocante exposição de vários fotografos do mundo inteiro, organizada pelo UNFPA sobre casamentos precoces e forçados. *Too young to wed/Nova demais para casar*, no espaço da Caixa Geral de Depósitos, de 1 a 15 de setembro."



**CONTINUAMOS À ESPERA.**